

# **DISPONIBILIDADE DOCENTE: REFLEXÕES ACERCA DA CONTRIBUIÇÃO DA POSTURA DO PROFESSOR, ATUANTE NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL, DIANTE DA INCLUSÃO EDUCACIONAL**

APFC (Professora de Sala de Recursos Multifuncionais - Seduc/Parnaíba-PI)

## **RESUMO**

A postura do professor diante do trabalho junto aos alunos com necessidades educacionais especiais é essencial para que sua prática pedagógica auxilie na democratização e na qualidade do ensino. Verificando a importância deste fator para a inclusão educacional apresentaremos um recorte teórico-prático de nossa dissertação de mestrado, em que, dentre outros aspectos inerentes a formação docente, investigamos a respeito da disponibilidade docente no contexto inclusivo. Com isso, buscamos respostas para a seguinte indagação: qual a disponibilidade dos professores diante do trabalho junto aos alunos com necessidades educacionais especiais? Com o intuito de buscar respostas para este questionamento traçamos como objetivo, neste artigo, constatar a disponibilidade dos professores, atuantes nas séries iniciais do Ensino Fundamental, diante do trabalho junto aos alunos com necessidades educacionais especiais. Esta pesquisa é do tipo quali-quantitativa, já que fizemos uso tanto de técnicas de coleta de dados da pesquisa qualitativa como quantitativa, por meio da aplicação de questionário e do grupo de discussão. Após a coleta de dados constatamos que a disponibilidade muito influencia na prática pedagógica do professor, que quando está motivado a trabalhar com alunos com necessidades educacionais especiais, busca auxílio e formação para melhorar o seu fazer pedagógico.

**PALAVRAS – CHAVE:** Disponibilidade docente. Inclusão educacional. Prática pedagógica.

## **INTRODUÇÃO**

Para se exercer uma função, seja ela qual for, de forma satisfatória e produtiva, é necessário que adotemos uma postura de aceitação e disponibilidade diante daquilo que nos propomos a realizar. Com o ato de ensinar não é diferente. Entendemos que a docência requer antes de tudo o desejo de fazer e fazê-lo da melhor forma possível.

No tocante a inclusão esse querer fazer é importante, pois influencia na disponibilidade do professor em trabalhar com alunos com Necessidades Educacionais Especiais (NEE) <sup>1</sup>. Dependendo da postura adotada, o professor irá perceber seus alunos, com e sem NEE, não só como meros aprendentes, cheios de dificuldades e limitações. Os perceberá como coautores do processo de ensino-aprendizagem, auxiliando em suas necessidades, sem dar destaque as suas possíveis deficiências.

Levando em consideração essas reflexões que se referem à postura e a disponibilidade do professor diante dos alunos com NEE fizemos o seguinte questionamento: Qual a

---

<sup>1</sup> Esta sigla será usada, neste artigo, apenas para efeito estético do texto. Não é nossa intenção rolar as pessoas com necessidades educacionais especiais por meio de letras.

disponibilidade dos professores diante do trabalho junto aos alunos com necessidades educacionais especiais? E em busca de respostas para este problema traçamos como objetivo: constatar a disponibilidade dos professores, atuantes nas séries iniciais do Ensino Fundamental, diante do trabalho junto aos alunos com necessidades educacionais especiais.

Percebemos que, para que este trabalho se desenvolva a contento, é necessário que o professor obtenha uma postura de disponibilidade para desenvolver uma prática pedagógica sem preconceitos e sem medos, derrubando as barreiras atitudinais que impedem o bom andamento de sua prática. Por constatarmos que, além de uma boa formação inicial e continuada, é fator imprescindível que o professor se disponibilize a trabalhar com esses alunos, justificamos a apresentação neste artigo de análises e reflexões em torno desta temática.

Esta pesquisa, que é um recorte de nossa dissertação de mestrado, caracteriza-se como sendo quali-quantitativa. Na pesquisa de campo adotamos técnicas tanto da pesquisa qualitativa como da pesquisa quantitativa. Primeiramente aplicamos um questionário a uma amostra de 115 docentes, atuantes nas séries iniciais do Ensino Fundamental, da rede municipal de Parnaíba-PI. Estes docentes foram escolhidos por meio da amostragem probabilística estratificada<sup>2</sup>, em que foram sorteadas 16 escolas da zona urbana e 08 escolas da zona rural de Parnaíba-PI. Após a aplicação do questionário foi realizado o grupo de discussão, outro tipo de coleta de dados, só que desta vez foi retirado da amostra da pesquisa apenas os professores que tinham em suas salas de aula alunos com NEE. O referido grupo de discussão aconteceu em 02 sessões (uma no turno manhã e outra no turno tarde) no mesmo dia com horário e data marcados previamente. A forma de registro foi por meio de gravação de áudio.

Nesta pesquisa, buscamos fundamentos nas teorias dos seguintes autores: Baptista (2006), Mantoan (2003, 2004), Ferreira (2005), Pontes (2008), Rodrigues (2008), dentre outros que muito contribuíram com suas reflexões e inferências a respeito da temática discutida neste artigo.

---

<sup>2</sup> É um tipo de amostragem realizada em duas etapas. Na primeira acontece a caracterização dos estratos, ou seja, os elementos amostrais que possuem os mesmos atributos constituem estratos diferentes. Com isso, todos os elementos amostrais terão a mesma probabilidade de fazer parte da amostra da pesquisa. Na segunda etapa é feita a seleção das unidades de análise, isto é, os indivíduos que farão, de fato, parte da amostra da pesquisa, utilizando-se para isso a amostragem probabilística simples para a seleção de uma amostra de cada estrato. (SAMPIERRE; COLLADO, LUCIO, 2006).

## A POSTURA DOCENTE E SUAS IMPLICÂNCIAS NA PRÁTICA PEDAGÓGICA

O aumento significativo de matrículas de alunos com NEE na rede regular de ensino instiga os professores a buscarem preparação e atualização para melhor atenderem essa clientela, bem como demonstrarem disponibilidade para exercer tal trabalho. A questão é que infelizmente a sociedade vê apenas a deficiência dessas pessoas em detrimento de suas potencialidades e como parte desta sociedade, alguns professores, pensam assim e assumem posturas errôneas, que se enquadram nas barreiras atitudinais, um dos entraves da inclusão educacional.

Para Muis e Carvalho (2010) as concepções dos professores acerca da inclusão educacional de pessoas com NEE têm como base o conceito de normalidade, ou seja, tendem a enquadrar o outro nos padrões do que é ou não considerado “normal” para a sociedade. E de acordo com os referidos autores essa postura implica na maneira de como esses professores percebem a pessoa com NEE, com isso restringem-se a ver apenas suas limitações, o que causa graves obstáculos na prática educacional destes docentes, que acabam por sentir-se impotentes diante da realidade que se deparam. De acordo com Muis e Carvalho (2010, p. 203):

A educação da pessoa portadora de deficiência tem sido alvo de estudos e discussões que levaram ao desenvolvimento de políticas orientadoras para a inserção desse aluno no ensino regular. Entretanto, isso tem sido feito sem as providências necessárias para um preparo adequado dos professores, forçando-os a trabalhar com as noções de normalidade e desvio, a partir apenas do senso comum.

O que Muis e Carvalho (2010) querem dizer é que é necessário fazer um trabalho de sensibilização e conscientização com os docentes, no momento de sua formação, para que adotem posturas diferentes baseadas não mais nesta visão de normalidade e sim de valorização da diferença, pois a escola inclusiva contribui efetivamente para a formação de adultos sem preconceito e comprometidos com o outro. Pontes (2008, p. 46) reforça essa concepção ao dizer que:

A preocupação do professor deve ser a de vislumbrar as dificuldades dos alunos (quaisquer que sejam eles) e não as suas deficiências, pois os alunos não precisam de diagnóstico. É preciso que se aborde, nos cursos de capacitação ou de aperfeiçoamento, uma mudança de postura frente às diferenças, mostrando que todos são partes integrantes do sistema educacional.

Ainda de acordo com esta questão Mittler (2003, p. 17) apud Pontes (2008) diz que é necessário revermos essa concepção de incapacidade da pessoa com NEE, já que existe uma tendência em destacarmos apenas a deficiência da pessoa, ou seja, suas limitações e não suas

habilidades. É a partir deste novo olhar que a transformação interna de cada pessoa acontecerá e os medos serão amenizados. Corroborando com esta visão Mantoan (2004, p. 81-82) reforça que

Alguns professores já têm claro que a inserção é possível, porque tiveram experiências que lhes demonstraram essa possibilidade; outros estão em busca dessa certeza e se empenham por encontrá-la, em suas aulas, nos cursos e nos grupos de estudos que frequentam. Há, infelizmente, os que tentam, porém não conseguem se libertar de preconceitos e de hábitos enraizados, que não lhes permitem fazer uma releitura de suas atuações, à luz de novos propósitos e procedimentos educacionais.

De acordo com Mantoan (2004) existem aqueles professores que já são capazes de perceberem as possibilidades da inclusão educacional, ao ponto de se sentirem motivados a buscarem atualização e práticas pedagógicas renovadas. Mas ainda existem professores com práticas pedagógicas atreladas ao preconceito, fator que não contribui para que seja assumida uma nova postura pelos docentes, em que a libertação desses preconceitos lhes permita abrir novos horizontes em relação ao aprendizado de seus alunos. Dando continuidade a este pensamento Mantoan (2004, p. 81) se refere à inclusão educacional como:

[...] uma mudança de atitude face ao Outro: que não é mais um, um indivíduo qualquer, com o qual topamos simplesmente na nossa existência e com o qual convivemos um certo tempo, maior ou menor, de nossas vidas. O Outro é alguém que é essencial para a nossa constituição como pessoa e dessa Alteridade é que subsistimos, e é dela que emana a Justiça, a garantia da vida compartilhada.

A autora fala da forma como vemos o outro, onde devemos perceber no próximo um ser que faz parte de nossas vidas e com o qual necessitamos interagir, mas não de forma superficial, e sim de maneira positiva, em que um faça parte da existência do outro contribuindo para o crescimento mútuo. Essa postura é importante, pois a partir dela a inclusão pode ser assumida como “[...] possibilidade que se abre para o aperfeiçoamento da educação escolar e para o benefício de alunos com e sem deficiência. Depende, contudo, de uma disponibilidade interna para enfrentar as inovações e essa condição não é comum aos professores em geral” (MANTOAN, 2004, p. 80).

Essa disponibilidade é necessária para que as barreiras atitudinais sejam vencidas e o preconceito deixe de ser um obstáculo limitador das ações de muitas pessoas. Apesar do processo de ensino ser algo dinâmico, que exige dos professores atualização constante de conhecimentos e aquisição de novas estratégias de ensino, segundo Mantoan (2004) a possibilidade de mudança não agrada uma parte dos professores, que assumem a postura de resistência frente a esta mudança que deve ocorrer. Para a referida autora “uma das reações mais comuns é afirmar que não estão preparados para enfrentar as diferenças nas salas de

aulas. Esse motivo é aventado quando surgem quaisquer problemas de aprendizagem nas turmas e até mesmo quando eles existem, concretamente [...]” (MANTOAN, 2004, p. 82).

Em uma pesquisa realizada Guimarães e Osório (2007) dão destaque a um dos argumentos mais utilizados pelos professores, independentemente da região ou do nível de ensino de atuação, para justificar sua “impossibilidade” de atender alunos com NEE, este argumento é fundamentado na “[...] ausência de conhecimentos específicos em sua formação acadêmica” (GUIMARÃES; OSÓRIO, 2007, p. 37). O que podemos constatar diante de tantas evidências é que os professores reclamam por uma melhor formação, que lhes proporcione uma fundamentação teórica que os auxilie em sua prática.

Além disso, a Conferência Mundial sobre Educação para Todos: Satisfação das Necessidades Básicas de Aprendizagem, que aconteceu em Jomtien, na Tailândia (UNESCO, 1998), preconizou em seu plano de ação a melhoria da qualidade da educação básica e dentre outras ações está a promoção de boas condições de trabalho e remuneração para os professores com o intuito colaborar com a disponibilidade docente, por meio da satisfação de suas necessidades laborais, ou seja, para que o professor se sinta motivado a trabalhar com alunos com e sem NEE é necessário que lhes sejam oferecidas as devidas condições para exercer sua prática pedagógica. Muitas destas condições foram elencadas por Baptista (2006) refletindo o anseio dos professores por melhores condições de trabalho. Em acordo com esta informação Rodrigues (2008, p. 40) relata que

Os países que mais avanços fizeram, em termos da Inclusão, apostaram no desenvolvimento de condições que mais facilmente poderiam dar sustentabilidade ao sistema: qualificação profissional inicial e contínua, melhoria de condições laborais, mais recursos para as escolas, melhoria das condições de seu funcionamento [...].

A partir destas reflexões verificamos o quanto é importante que a inclusão se consolide e que práticas educacionais democráticas se tornem realidade, para que o conhecimento esteja ao alcance de todos, para que esta convivência se torne cada vez mais heterogênea e que as instituições educacionais assumam seu verdadeiro papel: que possam formar verdadeiros cidadãos, pessoas que saibam respeitar o outro independente de suas condições físicas, cognitivas, sociais, financeiras. Com isso é necessário ressaltar a importância do papel do professor diante desta realidade, pois de acordo com Pontes (2008, p.48) aqueles que convivem desde a sua infância com a diversidade “não duvidarão da capacidade destas pessoas e com certeza, estimularão a inclusão de todos em um mesmo ambiente (seja escola, trabalho, lazer...)”.

Com isso podemos constatar que cabe aos docentes manterem uma postura colaborativa e sensível a inclusão dos alunos com NEE, já que esta é uma clientela que está cada vez mais presente no cotidiano escolar, a qual necessita de plenas condições para bem se desenvolver, por isso os professores são peças importantes neste processo, pois sem sua efetiva colaboração e trabalho este processo não terá êxito.

## **REFLETINDO SOBRE ALGUNS RESULTADOS**

Dentre os variados resultados obtidos em nossa pesquisa de mestrado, apresentaremos algumas análises retiradas dos dados coletados por meio do questionário e do grupo de discussão que está presente nas falas de algumas professoras. Estas análises estão relacionadas a postura do professor diante do trabalho que realiza ou já realizou junto aos alunos com NEE, em que percebemos que muitos possuem dificuldades de realizarem este tipo de trabalho. Essa dificuldade pode estar relacionada à falta de formação já constatada e revelada por meio dos sentimentos de medo, desorientação e até mesmo de desprazer em trabalhar, junto aos alunos com NEE, por conta da dificuldade ligada ao despreparo e a falta de formação docente no que diz respeito à inclusão.

Esta postura do professor diante do trabalho junto aos alunos com NEE é compreensível, já que alguns se sentem motivados a buscarem formação para embasar seu trabalho e outros ainda sentem muita insegurança diante deste trabalho, assim como relata Baptista (2006, p. 77) ao dizer que:

Foi interessante constatar posturas que variavam da insegurança dos ‘marinheiros de primeira viagem’ ao olhar corajoso de quem já estava há algum tempo trabalhando com alunos com necessidades especiais. O sentimento de apreensão foi predominantemente nas respostas referentes às primeiras reações face ao projeto inclusivo, porém não apenas. Também se constatou sentimentos de satisfação diante da oportunidade de uma nova formação, isto é, a formação para uma proposta pedagógica inovadora, como se constituía ou se constitui a proposta da educação inclusiva.

No que diz respeito a disponibilidade do professor em trabalhar com alunos com NEE, em casos em que o professor rejeita esses alunos a professora B, relata:

É o seguinte, já é difícil a gente aceitando, já fica difícil da gente trabalhar, colocam o menino na sala de aula da gente, a gente aceita, aí é difícil, imagine quando o professor diz que não, como é que vai ser a aprendizagem dessa criança? O quê que o professor vai fazer? Jogam a criança lá e aí não vai adiantar de nada.

Isso demonstra o quanto é difícil desempenhar um bom trabalho quando se tem a disponibilidade, portanto se torna mais complicado ainda o desenvolvimento de um bom

trabalho quando o professor não aceita estes alunos, muito provavelmente os resultados serão lastimosos. A mesma professora continua sua fala se contradizendo, pois relata ser difícil o trabalho com alunos com NEE esclarecendo que seria melhor que eles estivessem em uma escola especial:

Eu acho que a criança tipo a especial, que é a “auditiva”. Existem as polêmicas, já que tem a Lei, já está incluso, tudo bem! Tem que receber, mas no entender da cabeça da gente a gente acha que pra esse tipo de pessoa é a escola própria, não é? Que já tem o recurso, todo o material, mas já que tem a Lei a gente tem que aceitar. Agora eu acho que é muito difícil misturar criança assim pra ela fazer tudo o que os outros estão fazendo, é muito difícil, porque ela não fala nem ouve, ela fica vendo tudo o que eles tiverem fazendo ela tem que fazer, a gente sabendo que ela não faz, mas ela quer fazer, pelo menos pra escrever ela escreve e aí? Ela sabe o que está escrevendo? É muito difícil mulher! (lamenta)

A professora E relata o quão é amorosa a relação com sua aluna com NEE, demonstrando com isso a importância do bom relacionamento entre professor e aluno, e também o quanto é importante a aceitação e disponibilidade do professor diante do aluno com deficiência. A professora E diz:

Essa menina da minha sala na hora que ela chega ela corre e tem que me abraçar e eu tenho que abraçar e beijar ela, então eu dou um beijo na testa dela, todo dia. Eu sou assim, sei não acho que de repente foi Deus que mandou ela pra mim, como quem diz: você é especial e recebeu uma pessoa especial, porque você merece. Eu acho que seja assim e eu também nunca pensei que fosse receber, quando ela foi pra minha sala, eu fiquei muito preocupada, a gente fica pensando: Meu Deus o que é que eu faço com essa criança?

Na fala da professora E também podemos perceber outro aspecto que remete à visão que muitos professores têm sobre sua profissão, para uma parte destes docentes o magistério é visto como uma missão, uma vocação, ou com um peso negativo, como um fardo, um sacrifício a ser vencido. Na verdade o magistério deve ser visto como uma profissão e na postura destes professores deve prevalecer o profissionalismo.

A professora F comenta um triste fato de uma aluna com surdez que foi rejeitada na escola por todas as outras professoras e que sem sua ajuda não teria conseguido progredir em sua escolarização:

Uma vez eu até recebi uma surda, mas ninguém quis, então “jogaram” pra mim. Eu mandei chamar a mãe e ela disse: “não mais é porque ela é muito calada, mas acho que ela fala” [fala da mãe]. Então eu disse: Nós vamos levar ela lá na Apae fazer um teste e vamos descobrir; “Você não quer minha filha aqui não?!” [fala da mãe]. Vou querer, vou acompanhar sua filha, mas ela precisa ir pra Apae e eu não tenho experiência pra trabalhar com ela, mas eu vou conversar lá na Apae com um psicólogo e vamos ver o que eu vou fazer. Hoje ela já está no Ensino Médio, entendeu? Porque eu ajudei, a mãe agradeceu.

A fala da professora F retrata a postura de um docente comprometido com sua profissão, que mesmo sem ter formação adequada para trabalhar com a aluna com surdez foi em busca de subsídios para atender a aluna. No caso a professora buscou por auxílio na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (Apae), instituição de Educação Especial que outrora atendia os alunos com NEE em Parnaíba-PI. Esta postura é relatada por Ferreira (2005, p. 43) quando diz que “a professora com um coração inclusivo, independentemente das condições existenciais precárias de seus alunos, busca com sua ação pedagógica criar igualdade de oportunidades para combater a desigualdade existente na sociedade”. Ou seja, tentar buscar auxílio com o intuito de tornar sua prática pedagógica mais democrática, fazendo com que todos os seus alunos tenham o direito de aprender, independentemente de suas condições físicas, sensoriais, sociais, cognitivas etc.

A respeito da postura docente diante da iminência de trabalhar junto aos alunos(as) com NEE percebemos que existe certo tipo de rejeição e relacionado a isto a professora E relata que:

Eu acredito que quando uma professora recebe um aluno com deficiência, tem professora que não gosta, ela recebe por receber, mas a gente sabe que ela não está gostando, a gente percebe que nem todo mundo quer trabalhar com essas crianças assim.

Em continuidade a este pensamento justificamos esta resistência do professor em trabalhar com alunos com NEE pela falta de formação/preparação para trabalhar com tal realidade. Relacionado à formação docente para atuar em contextos inclusivos Ferreira (2005, p. 44) diz que:

As pessoas concordam que inclusão, necessariamente, pressupõe a formação contínua de professores para usarem estratégias de ensino mais diversificadas e mais dinâmicas, ou seja, mais compatíveis às crianças do novo século: estratégias estas que oportunizem às crianças terem vozes e serem ouvidas e onde suas experiências de vida e riqueza pessoal, assim como suas necessidades e carências, não sejam ignoradas e negligenciadas pelo professor ou pela escola, mas sejam parte integrante da vida escolar.

O pensamento acima relatado por Ferreira (2005) reforça o quanto é necessário o investimento e promoção da formação contínua docente, pois para que estes professores se sintam mais confiantes em realizarem uma prática pedagógica que supra as necessidades de todos os seus alunos é imprescindível que lhes seja dado embasamento teórico, além de momentos em que os mesmos possam refletir acerca da sua prática, da realidade em que vivem em busca de subsídios para bem realizarem seu trabalho.

Sobre a questão da resistência de alguns professores em trabalharem junto aos alunos com NEE Mantoan (2003, p. 76) levanta outro questionamento ao dizer que “a maioria dos professores tem uma visão funcional do ensino e tudo o que ameaça romper o esquema de trabalho prático que aprenderam a aplicar em suas salas de aula é inicialmente rejeitado”. Em alguns casos é possível relacionarmos essa rejeição ao medo em trabalhar com algo até então novo para aquele professor, ou como disse Mantoan (2003) algo que ameace sua rotina de trabalho, já que em alguns casos há professores que perpetuaram sua prática.

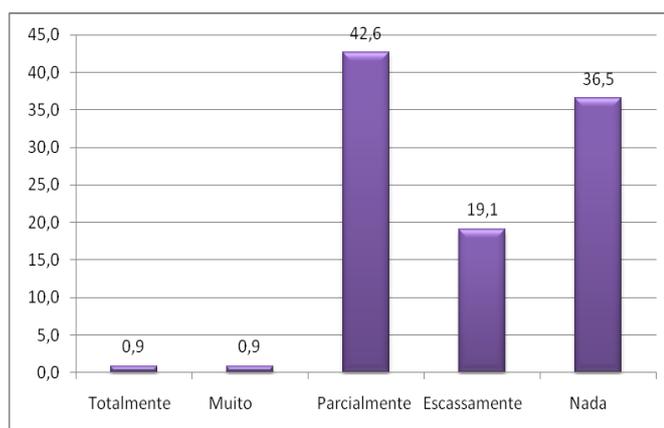


Gráfico nº 01: Preparação para o Trabalho Junto aos Alunos(as) com NEE  
Fonte: Elaboração própria

O gráfico nº 01 trata da preparação para o trabalho junto aos alunos com NEE demonstrando que 42,6% sente-se parcialmente preparado para realizar este trabalho e 36,5% diz sentir-se nada preparados. Na verdade os professores que declararam sentirem-se parcialmente preparados são aqueles que ainda não tem bem definida sua posição com relação a este assunto ou quiseram amenizar sua realidade, pois se juntarmos estes dois índices teremos a soma de 79,1% de professores sem preparo para o trabalho junto aos alunos com NEE.

De acordo com Goffredo (1992) e Manzini (1999) apud Sant'ana (2010) uma das barreiras, entre tantas encontradas para a real concretização do sistema inclusivo, é a falta de formação docente reforçando que “o que se tem colocado em discussão, principalmente, é a ausência de formação especializada dos educadores para trabalhar com essa clientela, e isso certamente se constitui em um sério problema na implantação de políticas desse tipo”.

Também para Mantoan (2003, p. 78) “o argumento mais frequente dos professores, quando resistem à inclusão, é não estarem ou não terem sido preparados para esse trabalho”. O que o gráfico nº 01 demonstra a urgência do repensar da formação de professores, bem como o investimento na formação em serviço, já que para Goffman (1988); Glat (1998) apud

Pletsch (2009) atitudes como “o despreparo e a falta de conhecimentos estão diretamente relacionados com a formação ou capacitação recebida”, bem como

[...] num primeiro momento, são comuns sentimentos de incapacidade e até mesmo de medo frente ao ingresso de um aluno com algum tipo de deficiência ou distúrbio de comportamento em sala de aula regular, podendo afastar o professor daquilo que não conhece e lhe suscitar estranheza. (CORREIA, 1999; NAUJORKS, 2002 e 2003; BEYER, 2003 apud PLETSCHE, 2009)

Podemos constatar empiricamente este sentimento de medo e/ou despreparo por meio do relato das professoras abaixo:

Eu não consegui. Não sei se foi falha minha, não sei, mas eu não consegui. Eu acho que talvez foi falha minha porque eu não tenho formação, nunca trabalhei, aí eu me senti um peixe fora d'água. (professora C)

Então depois a mãe foi lá conversou comigo e eu digo: “Meu Deus como é que eu vou trabalhar com essa criança?” (professora D)

Meu Deus o que é que eu vou fazer? Então eu fiquei meu Deus o que é que eu faço com essa criatura?! (professora B)

(...) Quando ela foi pra minha sala, eu fiquei muito preocupada, a gente fica pensando: “Meu Deus o que é que eu faço com essa criança?” (professora E)

Eu me senti insegura e despreparada. Como é que eu ia trabalhar com um aluno que nem ouvia e nem falava direito? Eu falei pra diretora: o que é que eu vou ensinar pra esse menino? (professora H)

Com autista (...) fiquei assim: “Oh! Meu Deus o que é que eu vou fazer?” (professora D)

Verificamos que é fala constante entre os professores a constatação de seu despreparo e o anseio por formações contínuas que auxiliem no trabalho junto aos alunos com NEE. Essa situação de insegurança e medo é uma realidade em nosso meio, pois como a inclusão educacional não constou na matriz curricular dos cursos de formação inicial da maioria dos professores da rede regular de ensino de Parnaíba-PI, muitos se sentem despreparados e incapazes de enfrentar esta realidade. Isso se deve ao fato de que a maioria teve sua formação inicial o curso normal de nível médio e na época desses estudos a inclusão educacional ainda não era pauta nas aulas dos cursos de formação de professores.

## **SINTETIZANDO, MAS NÃO CONCLUINDO**

Com relação à disponibilidade dos professores diante do trabalho junto aos alunos com NEE podemos destacar a dificuldade sentida por muitos ao desempenharem seu trabalho quando possuem, em suas salas de aula, estes alunos. Este tipo de postura está relacionada ao “medo” e/ou despreparo ocasionado pela formação docente, provocando, portanto insegurança no professor ao desenvolver algum tipo de trabalho junto aos alunos com NEE.

Relacionada à questão que trata da preparação para o trabalho junto aos alunos com NEE 42,6% diz sentir-se parcialmente preparados para este trabalho, corroborando com os dados anteriores, vem só reforçar a dificuldade dos professores em si manifestarem sobre este assunto. Chamamos atenção ainda para o fato de que 36,5%, dos docentes, afirmou sentir-se nada preparados.

A questão da aceitação do aluno com NEE é primordial para o bom andamento do trabalho em sala de aula, bem como também tem sua relevância no desenvolvimento deste trabalho a preparação deste professor. Há muitos casos de resistência a inclusão por parte de docentes, em sua maioria esta rejeição está relacionada à falta de preparo tão debatida entre eles.

Constatamos que há medo e insegurança de enfrentar esta realidade e estes fatores são decorrentes da falta de uma formação docente adequada, isto quer dizer que é necessário subsidiar aos professores maiores conhecimentos, técnicas, metodologias, momentos para reflexão, enfim fornecer uma boa fundamentação para que possam exercer seu trabalho com segurança, sem esquecer é lógico de proporcionar estrutura adequada para a execução do mesmo. Sabemos que uma das principais queixas dos professores está relacionada ao que é necessário para que a inclusão educacional de alunos com NEE aconteça e esta queixa diz respeito, entre outras, à falta de condições adequadas para exercerem suas funções. Isso ocasiona entraves no processo inclusivo interferindo nesta disponibilidade dos professores que se sentem desestimulados, muitas vezes, pela falta de condições adequadas de trabalho.

## REFERÊNCIAS

BAPTISTA, C. R. (Org.). **Inclusão e escolarização**: múltiplas perspectivas. Porto Alegre: Mediação, 2006.

FERREIRA, W. B. Educação inclusiva: será que sou a favor ou contra uma escola de qualidade para todos? **Inclusão**: Revista da educação especial. Brasília: Secretaria de Educação Especial, Ano 1, n. 1, out. 2005, p. 40-46.

GUIMARÃES, M. A. C.; OSÓRIO, A. C. do N. Desafios históricos de superação. In: **Inclusão**: revista da educação especial. Brasília: Secretaria de Educação Especial, ano 3, n. 4, jun 2007, p. 36-41.

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão Escolar**: O que é? Por quê? Como fazer? São Paulo: Moderna, 2003. Coleção Cotidiano Escolar.

\_\_\_\_\_. **Caminhos pedagógicos da educação inclusiva**. p. 79-94. In: GAIO, R.; MENEGHETTI, R. G. K. (orgs.). *Caminhos pedagógicos da educação especial*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

MUSIS, C. R. DE; CARVALHO, S. P. de. **Representações sociais de professores acerca do aluno com deficiência**: a prática educacional e o ideal do ajuste à normalidade. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 31, n. 110, p. 201-217, jan/mar 2010, Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 16 jan. 2010.

PLETSCH, M. D. **A formação de professores para a educação inclusiva**: legislação, diretrizes políticas e resultados de pesquisas. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010440602009000100010&lang=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010440602009000100010&lang=pt)>. Acesso em: 15 jan 2010.

PONTES, P. A. G. Criança e adolescente com deficiência: impossibilidade de opção pela sua educação exclusivamente no atendimento educacional especializado. In: **Inclusão**: Revista da educação especial. Brasília-DF, v. 4, n. 1, jan/jun 2008, p. 41-48.

RODRIGUES, D. Questões preliminares sobre o desenvolvimento de políticas de educação inclusiva. In: **Inclusão**: Revista da educação especial. Brasília-DF, v. 4, n. 1, jan/jun 2008, p. 33-40.

SANT'ANA, I. M. **Educação inclusiva**: Concepções de professores e diretores. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S141373722005000200009&lang=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141373722005000200009&lang=pt)>. Acesso em: 15 jan. 2010.

SAMPIERRE, R. H.; COLLADO, C. F.; LUCIO, P. B. **Metodologia de pesquisa**. 3 ed. São Paulo: McGraw-Hill, 2006. Tradução: Fátima Conceição Murad, Melissa Kassner, Sheila Clara Dystyler Ladeira. Título original: Metodología de La investigación.

UNESCO. **Declaração mundial sobre educação para todos**: satisfação das necessidades básicas de aprendizagem. Jomtien, 1990. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0008/000862/086291por.pdf>>. Acesso em: 25 mar. 2009.